

HORTAS FAMILIARES COMO PRÁTICA DE RURBANIDADE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS EM ALTA FLORESTA/MT

Iraci da Rocha Wanzke¹
Jane Márcia Mazzarino²

Resumo: As hortas nos espaços urbanos são um exemplo de rurbanidade, conceito que se refere ao compartilhamento de aspectos relacionados aos ambientes urbanos e rurais. O objetivo do artigo é investigar os significados das hortas familiares enquanto um espaço caseiro de rurbanidade em Alta Floresta/MT, município amazônico. Por meio da pesquisa bibliográfica, documental e de campo, caracteriza-se o perfil dos hortelões e se investiga suas motivações e modos de cultivo, assim como o impacto da pandemia nas suas práticas de horticultura caseira. Conclui-se que as hortas familiares, cultivadas organicamente, marcam a rurbanidade do município amazônico de Alta Floresta/MT, como lugares de prática de resistência intuitiva, assumindo um caráter político-poético em meio ao espaço tomado pelo agronegócio voraz, que tira os nutrientes da terra, envenenando o solo, as águas, o ar e, assim, os corpos de seus habitantes.

Palavras-chave: Horta; Família; Amazônia; Pesquisa qualitativa.

HOME GARDENS AS A PRACTICE OF RURBANITY IN THE BRAZILIAN AMAZON: A STUDY ABOUT EXPERIENCES IN ALTA FLORESTA/MT

Abstract: Vegetable gardens in urban spaces are an example of rurbanity, a concept that refers to the sharing of aspects related to urban and rural environments. The objective of the article is to investigate the meanings of family gardens as a homely space of rurbanity in Alta Floresta/MT, an Amazon municipality. Through bibliographical, documentary and field research, the profile of gardeners is characterized and their motivations and methods of cultivation are investigated, as well as the impact of the pandemic on their home gardening practices. It is concluded that family gardens, organically cultivated, mark the rurbanity of the Amazonian municipality of Alta Floresta/MT, as places of practice of intuitive resistance, assuming a political-poetic character in the midst of the space taken over by the voracious agribusiness, which takes away the nutrients of the earth, poisoning the soil, waters, air, and thus the bodies of its inhabitants.

¹ Doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento na Universidade do Vale do Taquari – Univates (RS). Email: iraciwanzke@yahoo.com.br

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (RS). Email: janemazzarino@gmail.com

Keywords: Horta; Family; Amazon; Qualitative research.

INTRODUÇÃO

Pensar no desenvolvimento das cidades requer pensá-lo holisticamente e de modo sustentável. O desenvolvimento local sustentável é uma possibilidade que decorre da harmonização de aspectos diversos relacionados, comumente, a três dimensões: sociais, econômicas e ambientais. As três requerem um olhar sobre os princípios éticos individuais. Podemos pensar a dimensão social atravessada pelos aspectos históricos, geográficos, políticos, estéticos, culturais e psicossociais. Os aspectos políticos também permeiam o econômico, assim como as formas produtivas, as relações com a terra (economia, etimologicamente, refere-se ao cuidado e a organização da casa). Estas relações com o espaço são também relativas ao ambiental, assim como os aspectos geográficos e tecnológicos, para citar dois. No caso do aspecto tecnológico, ele afeta a dimensão econômica, depende de decisões políticas e reverbera nas relações sociais. Ou seja, pensar holisticamente exige abertura para observar complexidades, interações, retroalimentações entre dimensões e aspectos da sustentabilidade.

As políticas públicas não têm dado conta de regular relações sustentáveis com os ambientes. A Política Nacional de Desenvolvimento Urbano prevê melhoria das condições de crescimento urbano dos municípios, apoiada na elaboração de políticas municipais adequadas às diversas realidades (BRASIL, 2020). No entanto, no âmbito das cidades, segundo Rolnik e Klink (2011), observa-se que o processo de urbanização tem consolidado modelos ainda marcados por disparidades socioespaciais, muitas vezes ineficientes e geradores de degradação ambiental.

Em virtude dessas condições, uma possibilidade metodológica para pensar a sustentabilidade é apresentada por Schussel (2004), que a denomina “arquétipo pluridimensional”.

[...] um arquétipo pluridimensional, em que as diferentes funções da cidade são representadas de forma a: - garantir as economias de aglomeração e de proximidade; - favorecer a acessibilidade e a interação social; permitir uma integração em rede com o mundo exterior; e em que o máximo de bem-estar coletivo é resultado de integração positiva entre o meio ambiente natural, o patrimônio histórico cultural, a economia e a sociedade (SCHUSSEL, 2004, p. 65)

A perspectiva pluridimensional é necessária em cenários urbanos cada vez mais complexos, em que os aspectos econômico, social e ambiental precisam ser contemplados e até mesmo ampliados. A complexidade das problemáticas ambientais requer assumir a interdisciplinaridade como método, o que implica em uma reorganização do conhecimento a partir das múltiplas dimensões que interagem nos contextos: tecnológica, natural, cultural, econômica, ética, política, cultural e social (MAZZARINO, 2013). Requer compreender as especificidades com que estas dimensões se manifestam nas interações socioecossistêmicas, proposta que aproxima-se da racionalidade ambiental que, segundo Leff (2011), se diferencia da lógica de mercado, fragmentária, tecnológica excludente, pragmática e funcionalista, que gerou a crise ecológica. O processo de urbanização crescente faz das cidades espaços de intervenção estratégicos para outras racionalidades possíveis.

Questionamo-nos sobre como as hortas, pela relação direta que propiciam com os seres vivos humanos e não humanos, possibilita experiências ecosófica, ou seja,

que integram as três ecologias propostas por Felix Guattari (1990): subjetividade, relações sociais e ambientais.

O objetivo deste artigo é investigar os significados das hortas familiares enquanto um espaço caseiro de ruralidade em Alta Floresta/MT, município amazônico. Caracteriza-se o perfil dos hortelões e investigam-se suas motivações e modos de cultivo, assim como o impacto da pandemia nas suas práticas de horticultura caseira.

Costa (2000), apresenta como condição para o crescimento das cidades a preservação ambiental, obrigando a repensar os espaços urbanos e a compreender que o crescimento, que se refere a aspectos mais quantificáveis, tem como pressuposto o investimento em todas as dimensões do desenvolvimento, que é muito mais amplo e aborda inclusive a qualidade dos espaços e da vida nas cidades.

O desenvolvimento sustentável é apresentado como aquele que deve atender às necessidades e aspirações do presente, sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro. Prevê a superação da pobreza e o respeito aos limites ecológicos aliados ao aumento do crescimento econômico, como condições para se alcançar um padrão de sustentabilidade em nível mundial [...] No horizonte desejável para uma sociedade ambientalmente sustentável e socialmente justa, por exemplo, nenhum grupo social, étnico, racial ou de classe deveria arcar com uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas de operações econômicas, de decisões de políticas e de programas federais, estaduais, locais, assim como da ausência ou omissão de tais políticas (CARVALHO, 2008, p. 8 -53).

Por isso, o desenvolvimento sustentável precisa ir muito além do crescimento em larga escala. É necessário pensar na melhoria, seja de condições sociais, econômicas ou ambientais. Esse fato mostra a preocupação de várias agências internacionais de financiamentos que querem garantir que, para o desenvolvimento urbano sustentável, a dimensão econômica não seja a norteadora das questões sociais e ambientais, uma vez que, se isso acontecer, o tripé econômico-social-ambiental estará desbalanceado em suas forças (PRADO, 2015).

Sob essa perspectiva, a preservação ambiental passa a ser uma discussão em que diferentes atores da sociedade civil precisam debater e agir por melhores condições para todas as formas de vida que compartilham os espaços urbanos. Por isso, é imperativo que toda e qualquer tomada de decisão para o desenvolvimento urbano sustentável não fique nas mãos dos atores que detêm o maior poder econômico (OLIVEIRA, 2001).

Pensar na sustentabilidade das cidades no contexto globalizado contemporâneo, que ainda não superou a fome de grandes parcelas da população, coloca em pauta a questão da soberania e da segurança alimentar, tanto ao nível macro quanto micro, como os contextos das hortas urbanas. Dentre elas, parece-nos estratégico para o desenvolvimento sustentável das cidades a proliferação das hortas caseiras. As hortas urbanas remetem a uma intersecção entre práticas rurais e urbanas.

A dicotomia rural/urbano perde força, mas continua em debate. A visão destes espaços como totalmente distintos, sem possibilidade de integração, devido à fisionomia das paisagens, dos tipos de ocupações e das relações com os ambientes está sendo questionada. Para Rosas (2010), é fato que em uma avaliação territorial, presume-se que o ambiente rural consiste em um espaço em que são

desempenhadas, predominantemente, as atividades primárias, como práticas de criação, além de diferentes meios de locomoção, infraestrutura simples e densidade demográfica menor. Por outro lado, a cidade é caracterizada como um ambiente voltado predominantemente à urbanização, com alta densidade demográfica, onde há pouca ruralização, com práticas e infraestrutura totalmente diferentes.

Souza e Monteiro (2000) analisam que muitos trabalhos apontaram para o dualismo entre o rural e o urbano com dois extremos, traçando inúmeros preconceitos em relação ao rural, colocando-o como aquele que atua de forma contrária à prosperidade, enquanto o urbano é a prosperidade. Essa significação já acarretou muitos problemas, sendo o principal o êxodo rural. No entanto, o campo e o urbano se completam, integram ou até se parecem cada vez mais em vários fatores.

Contemporaneamente, a integração desses dois meios, o rural e o urbano, é diretamente estudada, buscando-se formas de integração. A cidade tem apresentado adaptações de práticas rurais de produção, de cultivos e de artesanato, entre outras atividades, que representam estratégias rentáveis que visam, principalmente, às melhorias das condições socioeconômicas de quem as estiver utilizando. Esse processo, cada vez mais relevante, tem sido denominado de “rurbanidade”.

Esses aspectos relacionados à rurbanidade são aprofundados por Lessing *et al.* (2021), que percebem a sociedade atual atravessada por muitos elementos que eram tradicionalmente ligados ao campo e aos princípios rurais. Por sua vez, o rural também apresenta características do urbano, como a presença de hotéis fazenda. Há indústrias se alojando em ambientes rurais, assim como condomínios de moradores, por outro lado, as práticas de agricultura nos espaços urbanos crescem.

Esse compartilhamento de aspectos relacionados aos diferentes ambientes, denomina-se rurbanidade, ou seja, ao mesmo tempo em que nossa sociedade se urbaniza, ela está em constante ruralização. Segundo diferentes perspectivas, a rurbanidade é uma caracterização do novo rural ou a nova ruralidade (CARNIGLIA, 1992), que nela reconhece condições de estruturas estabelecidas, as quais buscam a integração das relações dinâmicas entre o rural e o urbano, com adaptações de práticas socioculturais dentro dos diferentes ambientes (CIMADEVILLA e CARNIGLIA, 2009). Essa condição é reforçada por Lessing *et al.* (2021), quando propõem “identificar e analisar a presença dos elementos rurbanos dentro das cidades e do campo”.

Considera-se que as hortas familiares em quintais da cidade revelam-se como uma prática da rurbanidade que tem um viés de resistência por referir-se à segurança e à soberania alimentar, assim, se constitui em um indicativo de sustentabilidade em uma perspectiva complexa para as cidades, que crescem em todo Planeta.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica deste estudo é a pesquisa qualitativa, baseada nos estudos bibliográfico, documental e de campo. Esta, aprofunda a compreensão sobre a prática das hortas familiares urbanas nos bairros de Alta Floresta/MT.

A pesquisa documental refere-se a dados, principalmente, de contextualização do município de Alta Floresta. Segundo Minayo (1994), a pesquisa documental caracteriza-se como um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, a compreensão e a análise de documentos dos mais variados tipos, presentes na literatura ou não.

A pesquisa de campo baseou-se em entrevistas semi-estruturadas a partir de um guia de perguntas abertas que contemplou quatro eixos, os quais constituíram-se

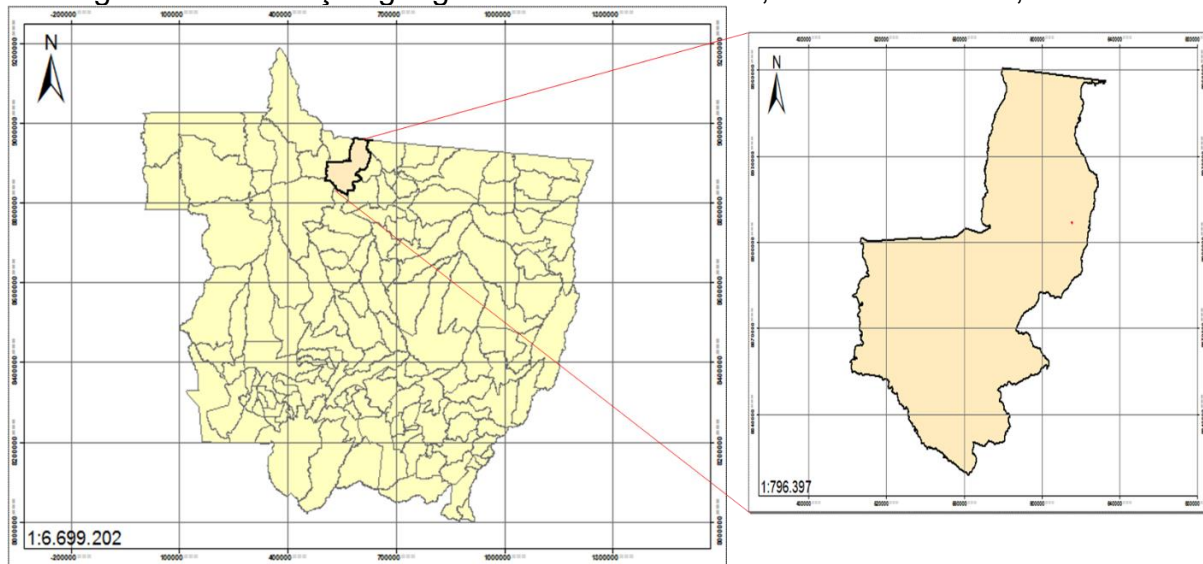
em categorias de análise: caracterização do perfil; elementos motivadores; modos de cultivo; impacto da pandemia. Participaram, como informantes, 14 hortelões³.

Os dados foram analisados consoante a proposta de análise textual de Pereira *et al.* (2007), adequada a uma pesquisa qualitativa por realizar a desconstrução para a reconstrução dos materiais discursivos coletados nas entrevistas, de modo a atingir-se a compreensão dos significados produzidos pelos hortelões sobre a prática da horticultura.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE ALTA FLORESTA/MT

Alta Floresta é um município inserido no bioma da Amazônia, localizado no extremo norte de Mato Grosso, e está a aproximadamente 757 km da capital do estado de Cuiabá (Figura 1). A colonização de Alta Floresta instaura-se no cenário nacional da década de 1970, quando o governo Federal lançou um programa de ocupação da Amazônia. Os projetos de colonização do Norte de Mato Grosso, especificamente da cidade de Alta Floresta, foram dirigidos pela iniciativa privada que planejou transformar a região em um polo agrícola (Alta Floresta, 2020).

Figura 1. Distribuição geográfica de Alta Floresta, em Mato Grosso, Brasil. **F**



Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

Alta Floresta, desde o princípio da colonização, passou pelos ciclos do ouro, da madeira e da agricultura, predominando a cultura da soja. A abundância de terras férteis e isentas de geadas por baixos preços e boas condições de pagamentos atraiu inúmeras famílias da região sul do país (GUIMARÃES NETO, 1986).

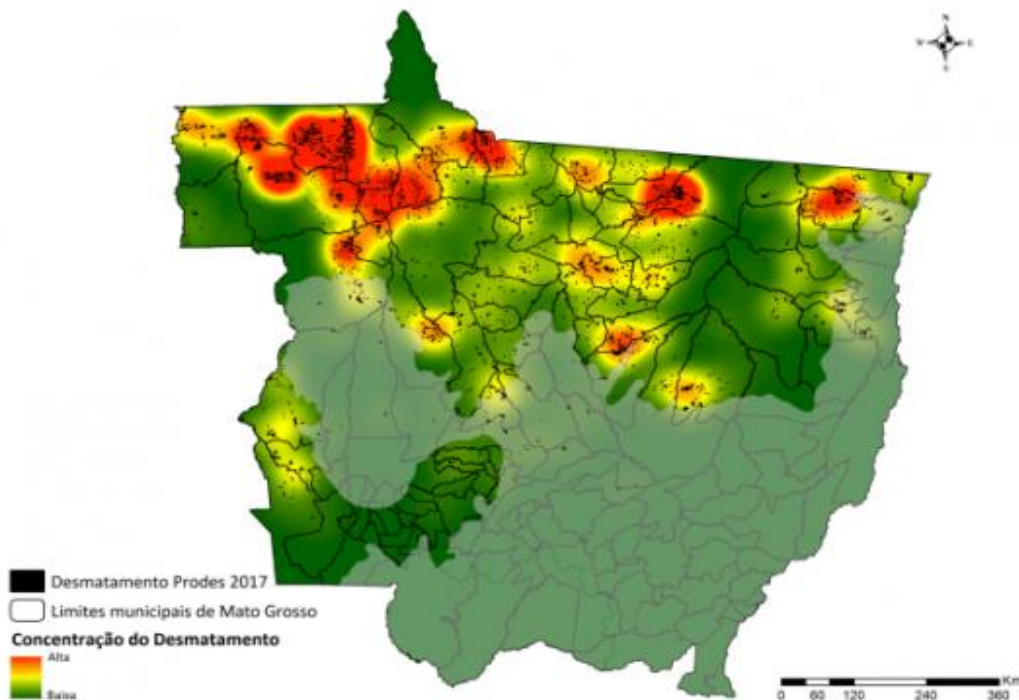
Considerada o Portal da Amazônia, por ser um dos pontos onde se encontram dois biomas de grande diversidade, o Cerrado e a Floresta Amazônica, poderia ser definida como um paraíso ecológico. No entanto, o projeto de desenvolvimento estatal e privado na região se deu com a eliminação crescente da floresta. A extração do ouro resultou na ocupação desordenada, violência, doenças venéreas, cabarés abarrotados, intensa movimentação aérea para transporte de pessoas, alimentos e

3 O projeto está aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Taquari – Coep/Univates, tendo registro na Plataforma Brasil sob número 11197612.10000.5310. A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

equipamentos aos garimpos, supermercados apinhados de fregueses, camelôs e caminhonetes carregadas de novos aventureiros (RIBEIRO, 2001).

A década de 1990 é marcada por um novo ciclo, da madeira, que passa a ser visto como alternativa econômica para Alta Floresta. A extração é intensiva, sem qualquer preocupação com o meio ambiente (Figura 2). Esse período é marcado pelo excesso de serrarias e indústrias madeireiras de compensados, em que esses produtos gerados na região visam abastecer o mercado internacional.

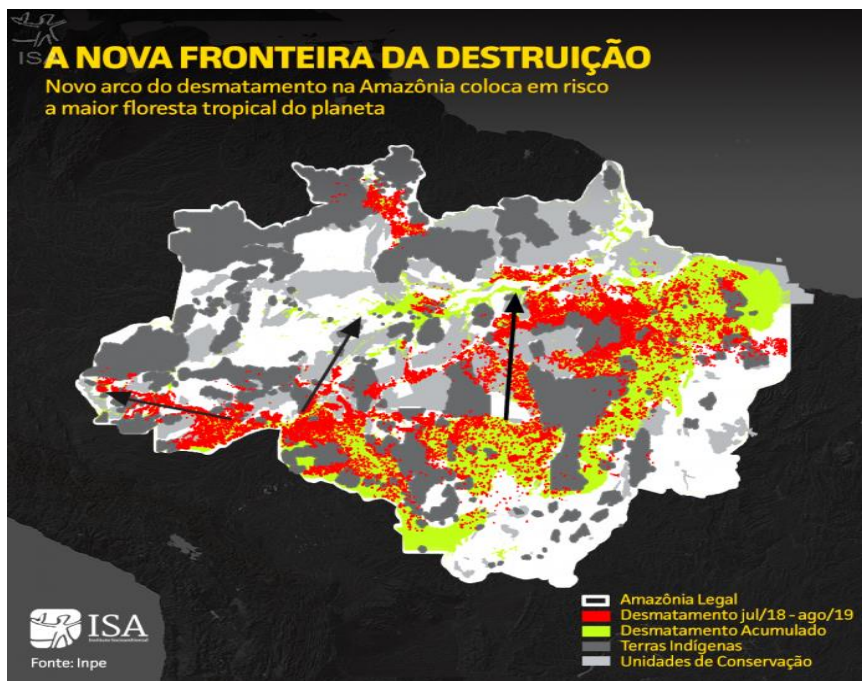
Figura 2. Concentração do desmatamento no estado do Mato Grosso.



Fonte: Passos, Dalfovo e Rosa (2020).

Após o ano de 2010, teve-se a implantação das Companhias Hidrelétricas (UHE) na região, momento em que Alta Floresta recebeu novamente imigrantes sazonais, o que elevou a população e impactou nos serviços públicos (MARCHESE *et al.*, 2008). A soja inaugura um novo ciclo econômico. Hoje, tem-se o denominado arco do desmatamento, um grande cinturão que contorna a floresta, principalmente no limite com o Cerrado, o qual vem sofrendo um intenso processo de ocupação (Figura 3).

Figura 3. Arco de desflorestamento da Amazônia



Fonte: Instituto Socioambiental (2019), a partir de dados do INPE.

Atualmente, o município possui, além do centro, 73 bairros. O acesso à zona rural se dá através das rodovias MT-208 e MT-325. No que tange ao contexto urbano, Alta Floresta constitui-se com uma forte movimentação no comércio, gerando aumento de construções e abertura de novas empresas, impulsionando o município a um processo de fortalecimento da economia local nos últimos anos (ALTA FLORESTA, 2020).

AS HORTAS CASEIRAS EM ALTA FLORESTA/MT

Atividades agrícolas em ambientes urbanos têm sido designadas comumente de “agricultura urbana” (DONADIEU, 1997 *apud* PESSOA *et al.*, 2006), praticadas nos “quintais”, compreendidos como espaço de usos múltiplos, localizados próximos à residência do grupo familiar (AMOROZO, 2002). Esses espaços refletem influências circunscritas e imediatas, determinadas tanto pela trajetória de vida da família, como pelas características pessoais, necessidades e interesses dos proprietários.

No mundo e, notadamente no Brasil, especialmente a partir da década de 1980, observa-se a redução da população rural, que elevou as taxas das populações urbanas em várias regiões do Brasil. O êxodo rural traz às cidades a agricultura urbana, praticada em pequenas extensões de terra e, muitas vezes, na ausência desta, sendo praticadas em canteiros verticais, vasos e outros recipientes, conforme a necessidade e criatividade de cada morador.

Esses espaços desempenham múltiplas funções e servem para diversos fins, estando, na maioria dos contextos, relacionados à autossuficiência alimentar das cidades, contribuindo para a renda, oferecendo benefícios relacionados à recreação, lazer e à qualidade de vida aos cidadãos. Tal prática, conforme Pessoa *et al.* (2006), contribui para melhorar a quantidade de alimentos disponíveis, refletindo-se em segurança alimentar em épocas de crise ou grande escassez de alimentos, além de dar acesso a alimentos perecíveis frescos.

Este estudo aprofunda-se em quatro aspectos da prática da horticultura em um município amazônico. A seguir apresentam-se os dados da pesquisa de campo, conforme as categorias de análise: caracterização do perfil; elementos motivadores; modos de cultivo; impacto da pandemia.

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS HORTELÕES

Os 14 informantes que participaram da pesquisa cultivam a horta caseira de três a quarenta e cinco anos. O tempo de residência no município de Alta Floresta varia entre 3 a 40 anos. Todos têm casa própria e o tipo de habitação caracteriza-se como alvenaria, madeira, mista (alvenaria e madeira) e bio-construção. Do total, 10 se identificaram como do gênero feminino e quatro do gênero masculino, com idade variando de 32 a 78 anos.

Pessoa *et al.* (2006) constataram, em estudo com 57 pesquisados, que a atividade agrícola em hortas urbanas era praticada essencialmente por pessoas com faixa etária entre 41 e 59 anos. Branco e Alcântara (2011) e Amorozo (2002) indicam a predominância de mulheres responsáveis pelas hortas, o que pode ser explicado pelo fato destas ainda assumirem a maioria das responsabilidades com os cuidados do lar. Para Nugent (2000 *apud* PESSOA *et al.* 2006), as mulheres estão muito mais envolvidas nessa atividade e os homens têm mais chance de se vincularem à produção para o mercado. Ele constatou que a literatura aponta que a maioria dos praticantes da agricultura urbana são mulheres. Ou seja, a atividade tende a atrair pessoas maduras e idosos, especialmente mulheres.

Zárate *et al.* (2016) asseveram que as pessoas precisam de alguma ocupação complementar e relaxante às atividades normais do cotidiano, especialmente os idosos com poucos afazeres diários, os quais sempre buscam por atividades prazerosas. E, nesse sentido, a formação de uma horta com espécies de maior valor nutritivo e maior uso alimentar, permite que a pessoa tenha um contato direto com a terra e prazer de sentir-se útil a si. Além disso, a atividade em espaços comunitários favorece o convívio social.

No que tange à profissão, verificou-se dentre os pesquisados desde agricultores, secretária, do lar, professores, dentre outros. E, quanto à escolaridade, varia bastante: analfabetos, com ensino médio, ensino superior, mestres e doutores. Essa caracterização pode ser melhor evidenciada no quadro 01.

No que se refere à experiência de vida em espaço rural e urbano, observa-se que a maioria dos sujeitos teve vivências em ambientes rurais. Apenas quatro informantes afirmaram que sempre viveram em ambiente urbano. Isso denota que a tradição de plantar e cultivar para a maioria, origina-se na vida familiar em espaço rural, fato constatado por Monteiro e Mendonça (2004).

Os autores constataram que nos quintais são desenvolvidas experiências agrícolas que adaptam traços da tradição rural ao ecossistema urbano, observando-se elementos da herança cultural de diferentes regiões do país, nas diversas formas de cultivo, uso das plantas e na diversidade de hábitos alimentares. Rodrigues *et al.* (2014) identificaram que as hortas constituem-se como um espaço agrícola de elevada diversidade de práticas culturais, onde operam horticultores do meio rural, população urbana com pouco contato rural, estudantes, professores e outros atores sociais que se identificam com essa prática.

Quadro 1. Caracterização geral dos sujeitos pesquisados

Sujeito	Idade	Gênero	Profissão	Escolaridade	Origem: Rural/Urbano
1	78	Fem.	Prof ^a . aposentada	Superior completo	Urbano
2	66	Fem.	Do lar	Fund. incompleto	Rural/Urbano
3	66	Masc.	Agricultor	Analfabeto	Urbano/Rural
4	64	Fem.	Agricultora	Ensino médio	Rural
5	53	Masc.	Agricultor	Fund. incompleto	Rural
6	47	Fem.	Professora	Mestrado	Urbano
7	43	Fem.	Costureira	Fund. completo	Rural
8	39	Masc.	Professor	Superior completo	Urbano/Rural
9	37	Fem.	Eng. ^a Agrônoma	Superior completo	Rural/Urbano
10	32	Fem.	Bióloga	Superior completo	Rural/Urbano
11	41	Fem.	Cientista Social	Superior Completo	Urbano/Rural
12	65	Fem.	Do lar	Fund. incompleto	Rural/Urbano
13	55	Masc.	Professor	Doutorado	Urbano
14	46	Fem.	Professora	Mestrado	Urbano

Fonte: Dados de campo, 2022

As hortas são espaços onde podem ser observadas práticas culturais com elevado sentido agroecológico, implementadas de forma empírica ou cientificamente fundamentadas. Conforme Amorozo (2002), em geral, esse conhecimento é transmitido entre gerações, necessitando de contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos.

Quanto à origem, todos informantes e suas famílias são provenientes de diversos estados brasileiros: sete são do Paraná, três de São Paulo, dois de Minas Gerais, um de Santa Catarina e um do Maranhão (Quadro 2). Esses dados convergem com estudo de Santos e Guarim Neto (2008), que, ao estudar a Etnoecologia de 24 quintais altaflorestenses, constatou que a maioria dos pesquisados eram provenientes da região Sul do país, principalmente do estado do Paraná, fato que reflete o processo de colonização da região na década de 1970, época em que sulistas migraram para a região para adquirir abundância de terras altamente produtivas, isentas de geadas, por baixos preços.

No que se refere ao quantitativo de membros na família, o número de membros varia de duas a seis pessoas, sendo que as famílias são formadas por dois a seis membros, o que denota que não são famílias numerosas, tendência apresentada pelo IBGE (2022), que indica a queda da fecundidade da população brasileira, acarretando redução no número de membros das famílias brasileiras.

Ao contrário do que predomina na literatura, os entrevistados informaram que gozam de uma renda mensal que não lhes permite ser categorizados como pobres financeiramente, pois a renda familiar mensal varia entre R\$ 3.000,00 (três mil reais) e R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais) (quadro 2).

Quadro 2. Origem familiar, número de membros por família e renda mensal dos sujeitos pesquisados

Sujeito	Origem familiar	Membros por família	Renda familiar/mês (R\$)
1	São Paulo	02	6.000,00
2	Santa Catarina	02	5.000,00
3	Minas Gerais	02	4.000,00
4	Paraná	02	5.000,00
5	Paraná	03	3.000,00
6	Paraná	03	5.000,00
7	Paraná	05	3.000,00
8	São Paulo	04	5.000,00
9	Paraná	06	6.000,00
10	Paraná	04	3.000,00
11	São Paulo	04	4.000,00
12	Minas Gerais	03	5.000,00
13	Maranhão	05	25.000,00
14	Paraná	05	6.000,00

Fonte: Dados de campo, 2022

No que se refere à renda familiar dos pesquisados, Pessoa *et al.* (2006) citam que em alguns países como Argentina e Estados Unidos, o cultivo em quintais é praticado por pessoas com bom nível de renda, sendo comum a monocultura entre os mais abastados e a produção diversificada entre agricultores com menor renda.

Amorozo (2002) destaca que, recentemente, na cultura urbana das classes mais abastadas, observa-se a valorização do que está atrelado ao “rural” (plantas, animais, quintais, jardins), com um movimento de volta à natureza, de busca pelo que é considerado saudável, puro e mais autêntico.

ELEMENTOS MOTIVADORES

A agricultura na cidade tem interfaces importantes com diversos outros aspectos do ecossistema urbano, que vão além da produção de alimentos, constituindo-se em uma trama de relações sociais, culturais e ambientais.

As hortas dinamizam relações ecológicas, por meio do cuidado com o ambiente, suas plantas e animais. A agricultura urbana visualizada pelas hortas, entendidas como sinônimo de cultivo de hortaliças em canteiros, tem uma perspectiva agroecológica: não se restringe a um sistema padronizado de produção, com espécies predefinidas, mas procura incorporar ampla diversidade às condições específicas de cada espaço disponível.

Outra dimensão fundamental é a sociocultural, relativa às relações que a prática possibilita, por propiciar encontros entre as pessoas. A recuperação de laços de sociabilidade e a elevação da autoestima, proporcionadas por dinâmicas da agricultura urbana, contribuem diretamente para a busca de estratégias coletivas e individuais de promoção de maiores níveis de segurança alimentar e nutricional (MONTEIRO e MENDONÇA, 2004).

Branco e Alcântara (2011) descrevem que as hortas urbanas contribuem para melhorar a vida da comunidade local, aumentam as relações pessoais, melhoram a organização da sociedade local, dão melhor aspecto à paisagem urbana e reduzem a emissão de CO₂ na atmosfera. No Brasil, apesar de estar em elevação, esses

aspectos da produção de alimentos ainda não têm se mostrado tão relevantes, como historicamente é nos Estados Unidos e na Europa.

Os hortelões de Alta Floresta relataram a relação com as origens familiares e alguns rememoram como começaram a fazer os plantios e as primeiras plantas que cultivaram (Quadro 3).

Quadro 3. Primeiros cultivos de horta realizados pelos pesquisados

Sujeito	Como começou a realizar o plantio em horta
1	Através do resgate das origens familiares em São Paulo com almeirão e pimentão.
2	Através do resgate das origens familiares com cebolinha e cana.
3	Com plantio de hortaliças e melancias.
4	No início da seca – mês de abril plantando couve e alface.
5	Através do resgate das origens familiares preparando a terra, canteiros, estufa, não usando produtos químicos – plantando – pepino e quiabo.
6	Com plantação em pneus, como forma de reciclar e ter produção alimentar, couve e rúcula.
7	Horta redonda com galinheiro no meio (Projeto Mandala) – espinafre e quiabo.
8	Plantio de hortaliças mais convencionais – alface e rúcula.
9	Através do resgate das origens da família – alface e cheiro-verde.
10	Com plantio de abóbora, hortaliças, legumes e tubérculos – alface, chuchu e mandioca.
11	Com plantio de temperos e ervas medicinais como manjeriço, cheiro-verde, hortelã e erva-cidreira.
12	Com alface, rúcula e cheiro verde.
13	Com alface e pepino.
14	Com couve e rúcula.

Fonte: Dados de campo, 2022

Dentre as demais faces deste estudo, buscou-se identificar os elementos que motivam os sujeitos da pesquisa a produzirem alimentos em suas hortas, quando se identificou: possibilidade de distração, mais saúde, produção sem agrotóxico, tradição familiar, prazer em plantar e cultivar, economia doméstica, consumo saudável e segurança alimentar. Quanto à relação entre horta e qualidade de vida, os hortelões afirmaram: horta é vida, saúde, terapia, satisfação pessoal, prazer, bem viver, resgate da vontade de viver, dentre outras (Quadro 4).

Em linhas gerais, as motivações e os sentidos que as hortas assumem para os entrevistados corroboram com o que foi constatado por Monteiro e Mendonça (2004), segundo os quais “a motivação se dá, de modo geral, pela disponibilidade e qualidade do alimento e sua interferência na saúde e ocupação, referindo-se ao prazer/gosto de plantar e ao cultivo como forma de ocupação e terapia”.

Os produtos cultivados na horta apresentam-se como uma alimentação mais saudável, pois são colhidos no próprio quintal, mudando drasticamente os hábitos alimentares, refletindo positivamente no bolso e na qualidade da alimentação das famílias. A pesquisa de campo evidenciou que a agricultura praticada é livre de agrotóxicos, com práticas agroecológicas, o que, conforme Pessoa *et al.* (2006), pode se dar por duas razões: primeiro, as pessoas produzem para autoconsumo, visando obter alimentos de melhor qualidade; segundo, consideram a produção pequena e

sem cunho comercial. Nesse sentido, não arriscam em investimentos com insumos mais caros.

Todos os pesquisados disseram que a horta ajuda no orçamento da família, reconhecendo que se faz necessário investimento financeiro para a manutenção desse espaço de produção alimentar, ainda que tenham apresentado dificuldade para quantificar essa importância em valores reais (Quadro 4).

Quadro 4. Contribuição da horta no orçamento familiar e relação com a qualidade de vida

Sujeitos	Impacto no orçamento familiar	Impacto na qualidade de vida
1	Ajuda sem proporção	A horta é vida
2	Muito	Proporciona mais saúde que contribui para a qualidade de vida
3	Muito	Tudo
4	Bastante mais saúde menos médico	Só traz benefícios para a saúde
5	Bastante	Horta está diretamente ligada à qualidade de vida
6	Nunca fiz as contas, mas creio que em média uns R\$ 100,00 por mês	Além de você poupar na compra de alimentos a horta ainda traz satisfação pessoal
7	100%	Não tem química
8	Bastante pois muitas coisas nós deixamos de comprar	É grande, porque toda a relação com a terra do trabalho à colheita é saudável e recompensador
9	Muito	Essa relação traz vida, resgata a vontade de viver
10	Metade do consumo familiar	Tem tudo a ver, porque uma horta por si só já traz os maiores benefícios para a saúde das pessoas
11	Muito	Bem-estar e saúde física e emocional
12	Cerca de 300 reais mensais a menos no mercado	Melhorou muito, porque me ajuda a passar dias mais produtivos e alivia o estresse
13	Muito	Satisfação pessoal e bem viver
14	Um valor bem significativo por mês trezentos reais	Ambos estão em consonância

Fonte: Dados de campo, 2022

Pessoa *et al.* (2006), em estudo realizado em Santa Maria/RS, identificaram que “mais de 1/3 das famílias economizam de 10% a 20% da renda total com a produção agrícola urbana e que 26,32% das famílias chegam a economizar mais de 30% da renda familiar por meio da agricultura urbana”. Isso significa, em linhas gerais, a possibilidade de suprir outras necessidades básicas para essa população, o que talvez de outro modo não fosse possível.

Ainda, conforme os autores supracitados, a dificuldade de quantificar a renda proveniente da exploração agrícola urbana se explica porque a maioria da produção

não perpassa pelos canais normais de mercado, não oportunizando sua mensuração. Conforme Aquino e Assis (2007) “os resultados positivos das hortas urbanas podem ser verificados pela redução na importação de alimentos de outras regiões e ocupação de áreas desabitadas e inaproveitáveis”.

É notória a contribuição da agricultura urbana para a segurança alimentar das famílias pesquisadas, de modo especial as verduras e frutas de época que parecem mais consumidas a partir da possibilidade de cultivo urbano. A exemplo do que foi citado pelos pesquisados, Pessoa *et al.* (2006) descrevem que a agricultura urbana tem sido importante para a garantia da segurança alimentar e saúde das famílias que a praticam, inclusive pela melhoria do seu estado nutricional.

Aquino e Assis (2007) descrevem que, “do ponto de vista econômico, a pequena contribuição tem, de fato, colaborado para a renda familiar através da diminuição dos gastos com alimentação e saúde, das redes de trocas e, eventualmente, da transformação e comercialização de excedentes da produção”. Ainda que os pesquisados tenham citado que plantam apenas para subsistência, afirmaram que sempre há alguma produção excedente, o que não é vendido, mas compartilhado, em geral, com família, com vizinhos e com amigos ou, então, destinada ao trato de animais.

MODOS DE CULTIVO

Todos os pesquisados plantam durante todo o ano e a quantidade plantada é sempre o suficiente para o consumo próprio da família, denotando que a principal contribuição da horta é a subsistência nutricional. A responsabilidade pelos cuidados da horta é da família. Para nove hortelões a horta é uma responsabilidade compartilhada pelo casal, dois informantes disseram que eles realizam sozinhos os cuidados com a horta, dois disseram que é responsabilidade de toda família e uma informou que o esposo é quem cuida da horta. Tendem a dispensar de 1 a 3 horas por dia para a horticultura durante a semana e/ou no fim de semana (3 informantes).

Amorozo (2002) relata que manutenção das hortas custa tempo e trabalho de alguns membros da família e, na medida que a força de trabalho familiar, inclusive a feminina, é canalizada para ocupações remuneradas extra domicílio, sobra pouco tempo para os cuidados com o quintal, com a horta, podendo levar ao seu abandono. Por outro lado, destaca a autora, para famílias com mão de obra ociosa a produção no quintal mostra-se uma alternativa interessante de renda. A autora assevera que os quintais têm mais chances de permanência em cidades pequenas, onde a pressão de ocupação do solo urbano é menor. Em cidades maiores, devido ao preço do solo e o incentivo à construção verticalizada, os quintais poderão não ter mais áreas cultiváveis, tornando-se, também, verticais.

Em relação às escolhas de cultivo pelos hortelões de Alta Floresta, identificaram-se hortaliças, condimentos, tubérculos, legumes, frutas, ervas medicinais, flores e plantas alimentícias não convencionais. Há significativa semelhança entre o que é cultivado pelas famílias: a) Hortaliças: almeirão, couve, rúcula, alface, espinafre, chicória, mostarda, couve manteiga, agrião; b) Condimentos: cheiro-verde, coentro, gengibre, açafrão, manjerição, pimenta, alecrim; c) Tubérculos: mandioca, batata-doce, inhame, cebola; d) Legumes: quiabo, abóbora, abobrinha, feijão-de-corda, fava doce, maxixe, vagem, berinjela amarela e roxa, pepino, jiló e chuchu; e) Frutas: mamão, pinha, banana, abacaxi, limão, goiaba, manga, caju, cacau, melancia, jabuticaba, abacate, moranguinho, cana, acerola, pitanga, cajá, tomate, romã; f) Ervas Medicinais: erva-cidreira, hortelã, arruda, boldo, melissa,

aranto, losna, babosa, sete-sangria, vic, hortelã gorda, capim-cidreira, óleo inca (sacha Inchi), urtiga brava; g) Flores diversificadas; h) PANCs: Plantas Alimentícias Não Convencionais: taioba e ora-pró-nobis; i) Plantas Ornamentais diversas.

Figura 4. Hortaliças encontradas nos quintais



Fonte: Das autoras (2022).

Pode-se observar que existe grande variedade na produção. As hortaliças aparecem em maior quantidade e variedade e, essa mesma constatação foi apurada por Pessoa *et al.* (2006), em pesquisa similar realizada no município de Santa Maria-RS. Em estudo realizado em 24 quintais de Alta Floresta, Santos e Guarim Neto (2008) identificaram quatro etnocategorias de uso: “ornamental (42,2%); medicinal (19,3%); alimentar (19,9%) e uso múltiplo (18,6%)”.

Para quem tem seu espaço de cultivo, apostar em mais de uma espécie no mesmo terreno é uma boa alternativa, que, ao mesmo tempo, é uma prática ancestral generalizada em várias partes do planeta. A combinação de plantas com diferentes hábitos de crescimento, diferentes arquiteturas da parte aérea e estrutura radicular, obtêm melhor utilização dos fatores ambientais como, água, nutrientes e radiação solar. Além disso, distribui-se melhor no tempo a disponibilidade de mão de obra e obtêm-se alimentos mais diversificados, contribuindo para reduzir a insegurança alimentar (RODRIGUES *et al.*, 2014).

A utilização dos alimentos produzidos nas hortas se dá conforme os costumes dos pesquisados e suas famílias, sendo: mediante cozimentos, refogados, fritos, crus, saladas, sucos e até caldos. As plantas medicinais possuem diversidade de usos: interno (estômago, vermes, dores), externo (quebradura, machucado, para dores em geral, emplastro, banhos), como repelentes e, até mesmo, como troca entre os hortelões.

Conforme Amorozo (2002), por diversas razões as pessoas mantêm variedades de plantas ou plantas individuais em seus quintais e hortas, refletindo as concepções de mundo e as necessidades do grupo social. Por outro lado, a escolha de novas espécies relaciona-se, em geral, às propriedades da planta como comida, madeira, remédio, ornamentação e outros.

Em relação ao local de instalação da horta, os hortelões escolheram por serem

espaços físicos sem edificação, mas também pela incidência de raios solares, pela proximidade com a casa e pela disponibilidade de água. A terra é adubada com folhas, restos de frutas, legumes e verduras, esterco de galinha e bovino, compostagem e terra preta. Isso denota que todos utilizam de adubação orgânica. Rodrigues *et al.* (2014), descrevem que o uso de matéria orgânica, de forma equilibrada, promove as propriedades físicas e biológicas dos solos e disponibiliza nutrientes para as plantas.

No que tange à origem das sementes plantadas, 100% dos entrevistados afirmaram que compram sementes, mas conjugam com outras formas de acesso: coleta do próprio quintal, troca com outros produtores, ganham, compram mudas ou propagam a partir dos próprios plantios. Conforme Monteiro e Mendonça (2004), as pessoas cuidam do quintal e trocam mudas, sementes, alimentos e conhecimentos com parentes e vizinhos, o que se apresenta como oportunidade de cultivar também sociabilidades.

As sementes têm origem convencional ou crioulas. A semeadura é realizada em bandejas, sementeiras, saquinhos, recipientes plásticos como copinhos descartáveis ou diretamente no solo. Para Monteiro e Mendonça (2004)

[...] a restrição de espaço e a baixa qualidade das terras dos quintais são características normalmente apontadas como limitantes à realização da agricultura na cidade. Os moradores têm buscado alternativas adaptáveis a esse ambiente, como uso de vasos, latas, potes, pneus velhos, bidês, bacias, canteiros de alvenaria ou madeira para o cultivo de plantas ornamentais, medicinais, temperos e outras hortaliças que não necessitem de muito espaço (MONTEIRO e MENDONÇA, 2004).

A água para irrigação da horta provém de poço semi-artesiano, poço comum, mina e córrego. Apenas quatro hortas são regadas com água tratada pela estação de fornecimento urbano. Conforme Aquino e Assis (2007), mesmo quando abundante, o acesso à água pode, muitas vezes, ser limitado por questões geográficas, econômicas ou químicas (poluição nos rios pela utilização de agrotóxicos e fertilizantes, dentre outros motivos).

Em relação à organização dos canteiros, observou-se a ausência de um padrão de organização, sendo que a maioria organiza de forma aleatória, conforme a disponibilidade do espaço a ser ocupado, o tipo de planta, a necessidade ou alguma informação sobre espaçamento. De qualquer forma, o que se observou na pesquisa de campo converge com a afirmação de que o uso produtivo dos espaços ociosos dos quintais proporciona limpeza destas áreas e uma melhoria no ambiente local, com impacto positivo para a sanitização pública (AQUINO e ASSIS, 2007).

Não houve relato do uso de defensivos químicos, assemelhando a agricultura familiar de quintais aos sistemas agroecológicos, voltados à recuperação e manutenção do equilíbrio da biota solo/planta. A retirada das ervas daninhas e/ou mato das hortas é realizada manualmente, com uso de enxada e de roçadeira. Usam-se mecanismos naturais como catação manual, óleo de neem, inseticidas naturais à base de detergente e de alho, calda de esterco de boi e cinza (mistura), vinagre, pimenta, sabão e água para controle do pulgão, rotação de culturas.

Em trabalho realizado pela Universidade Federal da Grande Dourados (MS), Zárata *et al.* (2016), destacam que, na horta caseira, há alguns produtos naturais que podem ser utilizados para controle de algumas pragas, mas a eficiência depende da forma de preparo e de pulverização. Pode ser utilizado extrato de alho ou de neem para controlar várias pragas e, muitas vezes, o controle manual, na fase inicial, como

no ataque de lagartas, é efetivo e evita sua proliferação.

Aquino e Assis (2007) descrevem que um dos aspectos importantes para a agricultura urbana incide sobre o controle de pragas e doenças, sendo muito usados os bio praguicidas, com destaque aos preparados à base de frutos e folhas de neem e de resíduos de tabaco. Enfatizam, os autores, a importância desse aspecto em áreas urbanas, por diminuir os custos da produção e por amenizarem a possibilidade de contaminação dos solos e lençóis freáticos.

Questionados sobre os problemas de se ter uma horta em casa, apenas um entrevistado mencionou os “ataques que a fauna de vertebrados e invertebrados fazem no local”. Segundo Aquino e Assis (2007) há muito mais pontos favoráveis na agricultura urbana, uma vez que, dentre outros fatores, esta propicia a estabilidade da força de trabalho e a produção diversificada durante todo o ano, baseadas em práticas sustentáveis com uso de resíduos orgânicos e/ou provenientes da reciclagem.

Quanto às fontes de conhecimento para cultivar a horta, embora a maioria tenha remetido ao conhecimento empírico, transmitido por seus familiares, também foi mencionado o conhecimento adquirido por instituições que ofertam conhecimento formal e técnico com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), as universidades, a prefeitura, as Organizações Não Governamentais (ONGs) e a Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer). Apenas dois pesquisados (5 e 8) afirmaram que têm assistência técnica para o cultivo da horta, um da Ong Instituto Centro de Vida (ICV) e outro da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e Secretaria Municipal de Agricultura e/ou Meio Ambiente.

Os apoios citados evidenciam a relevância dos municípios terem políticas públicas capazes de ofertar serviço de extensão para fornecer orientações adequadas aos interessados na agricultura urbana. No entanto, de modo geral, observa-se que ainda é tímido o incentivo dos órgãos públicos no apoio técnico à agricultura urbana, especialmente a de uso familiar e em pequenos espaços físicos.

IMPACTO DA PANDEMIA NA RELAÇÃO COM AS HORTAS

A pandemia pela Covid-19 trouxe implicações psicológicas e psiquiátricas secundárias ao fenômeno, tanto no nível individual quanto no coletivo, as quais foram, algumas vezes, subestimadas e negligenciadas no Brasil, gerando lacunas nas estratégias de enfrentamento. Isto porque proliferaram-se manifestações de gestores públicos que negligenciavam o cuidado, gerando desamparo entre aqueles que esperavam um Estado protetor. Diante da necessidade de evitar o contato humano, o contato com a natureza lembrou aspectos biológicos esquecidos de quem fez essa opção, o que veio acompanhado de efeitos terapêuticos.

Questionamentos acerca dos fatores relacionados à transmissão do vírus, ao período de incubação, ao alcance geográfico, ao número de infectados e à taxa de mortalidade real levaram à insegurança e ao medo. Essas incertezas trouxeram implicações diretas no cotidiano e na saúde mental da população (ORNELL *et al.*, 2020).

Em tempos de pandemia, é comum que o medo acentue os níveis de ansiedade e de estresse em indivíduos saudáveis e eleve os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existentes. O número de pessoas cuja saúde mental é afetada, tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção, conforme Ornell *et al.* (2020). Além disso, as implicações para a saúde mental podem durar mais tempo e

ter maior prevalência que a própria pandemia, e os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua ressonância em diferentes contextos. Além de um medo concreto da morte, a pandemia da COVID-19 trouxe implicações para outras esferas: organização familiar; fechamento de escolas, empresas e locais públicos; mudanças nas rotinas de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono.

Diante deste contexto, questionamo-nos se a pandemia afetou a relação dos hortelões com as hortas. Seis dos 14 entrevistados indicaram que se dedicaram mais aos cuidados com a horta e elevaram sua produção. Sete pesquisados afirmaram que a pandemia não alterou sua relação com a horta e, conseqüentemente, não afetou a produção, e uma informante disse que prejudicou sua rotina habitual na horta, posto que contraiu a doença e ficou internada.

A informante 6 relatou que “como fiquei mais em casa, tive tempo maior para os cuidados”. A informante 9 disse que teve que ficar em casa por mais tempo, com isso “a dedicação à horta aumentou, muitas vezes, sendo utilizada até como terapia para o estresse que a pandemia causou”. Segundo ela, “tínhamos mais tempo para praticar os tratos culturais que algumas plantas exigem. Começamos a plantar o que tínhamos vontade de ter em casa e que antes não podíamos, devido ao tempo que elas exigem de cuidado”. Para o informante 10, a pandemia não provocou mudanças, mas “mais certeza que o remédio está na natureza: fortaleceu os que acredito”.

Houve relatos de que puderam capinar mais, regar e curtir (Informante 6) ou investir no uso de mais insumos orgânicos (Informante 8). “Os cuidados foram principalmente com a produção de novos canteiros, e tratos culturais. Porque os tratos culturais auxiliam em um melhor desenvolvimento da planta, além de deixar visualmente a planta mais bonita, vistosa e saudável”, relatou a Informante 9.

Manter uma horta em casa, segundo os entrevistados, oferece como benefício aos hortelões segurança alimentar, economia, saúde, prazer, melhoria da qualidade de vida. Além disso, é uma forma de contato com as memórias afetivas, segundo a informante 9.

[...] você ter uma horta em casa traz de volta vários lugares, várias lembranças de infância, sem contar na satisfação de comer produtos fresquinhos todos os dias, e o melhor ainda é que isso gera economia, além de ser um ambiente de terapia, onde te trará tranquilidade ao fim do dia, e com certeza te fará repensar em algumas atitudes, fortalecendo os cuidados com o ambiente, pois a horta te permite reciclar, reaproveitar tudo o que antes era descartado ou por você, ou por outros.

Os relatos apontam que a horta remete a interação entre tempos ancestrais e presentes, ressignificando relações sociais e ambientais, a partir da transformação subjetiva. Pode-se inferir que a agricultura urbana realizada por meio das hortas familiares na região amazônica, a partir do caso de Alta Floresta, refere-se a uma forma de acessar memórias afetivas relacionadas aos ambientes de vida familiar atrelados à natureza ou constituir novas memórias, que favorece as sociabilidades e o encontro intergeracional, enquanto possibilita práticas saudáveis decorrentes da autonomia na produção de alimentos de cultivo orgânico, em pequena escala, contribuindo com o orçamento familiar. Ainda, estimula a vida familiar e a criatividade na busca por soluções para os desafios do cultivo, valoriza o trabalho manual e o desenvolvimento de aptidões culinárias, além de aprofundar a percepção do cuidado com todos os seres.

Em diversos momentos, a fala dos pesquisados sobre sua relação com a horta

remete à Tuan (1980) e Wilson (1984) com seus conceitos de topofilia e biofilia, respectivamente, o que também foi evidenciado por Amorozo (2008). Wilson (1984) entende a biofilia como a relação emocional inata dos seres humanos com outros organismos vivos, pautada no amor, no respeito e no pertencimento ao universo composto por tudo que vive. O elo afetivo que os seres humanos estabelecem com o lugar ou o ambiente físico onde vivem é denominado por Tuan (1980) como topofilia, a qual, segundo o autor, varia muito em amplitude emocional e intensidade, assumindo formas diversas.

DISCUSSÃO

É cada vez mais presente o aproveitamento de espaços vazios de corredores, varandas, sacadas e quintais para produzir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, para o consumo familiar. Por meio de cuidados simples, é possível colher hortaliças de qualidade em casa ou nos apartamentos, alimentando-se melhor e com prazer. Criar uma horta, além de uma relação direta com a natureza, demonstrou ser uma oportunidade para recriar relações sociais e reinventar a si. Neste sentido, a horta tem uma conexão ecosófica, que remete a estas três dimensões: subjetividade, relações sociais e ambientais (GUATTARI, 1990).

O estudo evidenciou que as hortas familiares podem ser interpretadas na linguagem das cidades enquanto um manifesto em prol do desenvolvimento local sustentável, já que afetam positivamente as relações com o ambiente urbano a partir dos espaços ocupados pelas casas. Constituem-se como uma contribuição íntima e genuína para o coletivo urbano, por serem espaços verdes, em que múltiplas formas de vida constituem ecossistemas ecológicos em que os seres humanos ficam mais evidentemente inseridos, por meio do cuidado com a terra, suas plantas e animais.

A urbanização crescente e suas disparidades socioespaciais e degradação ambiental, como afirmam Rolnik e Klink (2011), podem ser enfrentadas por meio destas práticas cotidianas de autonomia na produção de alimentos. O Brasil já tem suas políticas públicas que garantem a sustentabilidade dos espaços urbanos, apesar de ainda carecer de maior efetividade. Como bem lembra Costa (2000), quando investimos em desenvolvimento sustentável, garantimos o crescimento e muito mais. Com as hortas urbanas temos uma possibilidade muito acessível e simples de garantir o atendimento de necessidades enfrentando a pobreza com respeito aos limites ecológicos, favorecendo a inclusão. Segundo Carvalho (2013), estas são condições para o desenvolvimento sustentável. E, quando inclusivo, o desenvolvimento urbano sustentável não ficará nas mãos de atores economicamente privilegiados (OLIVEIRA, 2001).

Com a soberania e a segurança alimentar advinda da proliferação das hortas urbanas - familiares, coletivas ou institucionais -, colabora-se com a sustentabilidade do planeta, integrando práticas antes denominadamente rurais às práticas urbanas ao trazer uma atividade primária para compor com os utensílios da cidade, como aponta Rosas (2010).

A rurbanidade, como uma caracterização do novo rural ou a nova ruralidade nos termos de Carniglia (1992), faz-nos reconhecer um novo urbano e uma nova urbanidade a partir da recriação do entorno das casas, substituindo quintais vazios ou forrados de materiais cimentícios por alimentos, flores, ervas medicinais, frutas, PANCs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, buscou-se investigar os significados das hortas familiares enquanto um espaço caseiro de rurbanidade em Alta Floresta/MT, município amazônico. Considerando que a pesquisa foi realizada em tempos de pandemia, levantou-se a hipótese que a situação alterou a relação com as hortas.

Com a pandemia do Covid-19, a produção e/ou a afinidade com o espaço da horta, ampliou-se apenas para alguns, gerando uma relação de proximidade maior entre a família e o entorno ambiental da casa. Neste contexto, as hortaliças produzidas em pequenas áreas, propiciaram maior contato com a natureza, além de oferecer um efeito terapêutico.

A pesquisa evidenciou que o cultivo de hortas nos ambientes domésticos urbanos é uma boa opção para quem possui locais ociosos e está interessado em ter segurança e soberania na produção de alimentos. A produção de alimentos em pequenas hortas e pomares é importante para as famílias, por oferecer benefícios nutricionais, econômicos, de saúde, de segurança e soberania alimentar, além de seu aspecto lúdico, terapêutico e de ligação com as memórias afetivas relacionadas aos cuidados com a terra. Por isso, é uma atividade simples que pode ser incluída no cotidiano, que afeta beneficemente a qualidade de vida das famílias, começando pelo envolvimento coletivo nos afazeres da horta.

As hortas urbanas de todos os tipos podem ajardinar as cidades, oferecendo alimentos para uma sociedade em que grande parte das pessoas ainda passa fome ou come mal, nutricionalmente. As hortas familiares, cultivadas organicamente, marcam a rurbanidade do município amazônico de Alta Floresta/MT como lugares de prática de resistência intuitiva de caráter político-poético em meio ao espaço tomado pelo agronegócio voraz, que tira os nutrientes da terra, envenenando o solo, as águas, o ar e, assim, os corpos de seus habitantes.

REFERÊNCIAS

AMOROZO, Maria C. M.; MING, Ling Chau; SILVA, Sandra M. P. Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas. *In*: SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE. 2002, Rio Claro, SP. **Anais Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**. Rio Claro: SBEE, 2002.

AMOROZO, Maria C. M. Os quintais – funções, importância e futuro. *In*: GUARIM NETO, Germano; CARNIELLO, Maria Antônia. **Quintais Mato-Grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres: UNEMAT, 2008.

AQUINO, Adriana M.; ASSIS, Renato L. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. X, n. 1, p. 137-150, jan.-jun. 2007.

BRANCO, Marina C.; ALCÂNTARA, Flávia A. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira? **Horticultura brasileira**, [S.l.], v. 29, n. 3, p. 421-428, set. 2011.

BRASIL. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. **Política Nacional de Desenvolvimento Urbano**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt->

br/assuntos/desenvolvimento-urbano/politica-nacional-de-desenvolvimento-urbano.

CARNIGLIA, Edgardo. **Unidade agroprodutiva, pequeno capitalista, impacto ambiental sobre a utilização e deteriorização do solo em pequenos estabelecimentos rurais familiares do Pampa Dordobes (Argentina)**. 1992. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 1992.

CARVALHO, Isabel C. M. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], v. especial, p. 46-55, dez. 2008.

CIMADEVILLA, Gustav; CARNIGLIA, Edgardo. **Relatos sobre la rurbanidad**. 1. ed. Río Cuarto: Universidad Nacional de Río Cuarto, 2009.

COSTA, Heloisa S. de M. Desenvolvimento urbano sustentável: uma contradição de termos?. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], n. 2, p. 55-55, 2000.

GUATTARI, Félix. **Las tres ecologías**. Campinas: Papirus, 1990.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**. Cuiabá: Edufmt, 1986.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=38166&t=publicacoes>

ISA - Instituto Socioambiental. **Novo arco do desmatamento: fronteira de destruição avança em 2019 na Amazônia**. 2019.

LEFF, H. 2011. Complexidade, interdisciplinariedade e saber ambiental. In PHILIPPI JR. A. et al. (Orgs.). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=50281 Acesso: 14 nov. 2023. pp. 19 a 51

LESSING, Kimberly S. E.; SANTOS, Vinícius S.; FELIPPI, Ângela C. T.; DEPONTI, Cidonea M. Rurbanidades, TIC e desenvolvimento regional: estudo das práticas e dos sentidos da rurbanidade manifestas nos vale do Rio Pardo e Vale do Caí/RS-Brasil. *In: MOSTRA DE EXTENSÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA*, 2, Santa Cruz do Sul, 2021. **Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2021.

MARCHESE, Vania S.; SCATENA, João Henrique G.; IGNOTTI, Eliane. Caracterização das vítimas de acidentes e violências atendidas em serviço de emergência: Município de Alta Floresta, MT (Brasil). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 648-659, dez. 2008.

MAZZARINO, J. M. Multidimensionalidades do Campo Ambiental: proposta teórico-metodológica a partir da ótica comunicacional. *Gaia Scientia*, 7(1):50-57, 2013.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis:

Vozes, 1994.

MONTEIRO, Denis; MENDONÇA, Marcio M. Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. **Revista Agriculturas**, [S./], v. 1, n. 0, p. 29-31, set. 2004.

OLIVEIRA, F. L. Sustentabilidade e competitividade: a agenda hegemônica para as cidades do século XXI. *In*: ACSELRAD, H. (org.). **A duração das cidades: a sustentabilidade e o risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ORNELL, Felipe *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12-16, abr.-jun. 2020.

PASSOS, Alessandra M. F.; DALFOVO, Wylmor C. T.; ROSA, Michele J. A. Custo da legalidade na extração madeireira no estado de Mato Grosso: implantação de manejos florestais. **CONFINS - Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 45, 2020.

PEREIRA, Luciana M.; NAKAYAMA, Juliana K.; MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. Herói: Unijuí, 2007. 224 p. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S./], v. 30, n. 59, p. 91-104, jul. 2018.

PESSOA, Cristiane C.; SOUZA, Marcelino de; SCHUCH, Ilaine. Agricultura urbana e segurança alimentar: estudo no município de Santa Maria – RS. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 23-27, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTA FLORESTA. **Alta Floresta**, 2010.

PRADO, André Luiz. Desenvolvimento urbano sustentável: de paradigma a mito. **Oculum ensaios**, [S./], v. 12, n. 1, p. 83-97, 2015.

RIBEIRO, José D. **Terra e garimpos: um estudo da violência na consolidação do espaço da colonização: Alta Floresta-MT (1978-1983)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

RODRIGUES, M. Ângelo. PEIXINHO, Diana. NOBRE, Sílvia. OLIVEIRA, Pedro. ARROBAS, Margarida. Boas práticas agroecológicas em horticultura urbana. *In*: VII CONGRESO IBERICO DE AGROINGENIERÍA Y CIENCIAS HORTICOLAS, 2014, Madrid. **Libro de Actas**. Madrid: [s.n.], 2014. p. 785-790.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias?. **Novos estudos CEBRAP**, [S./], n. 89, p. 89-109, mar. 2011.

ROSAS, Celbo A. da F. **A (dês) construção da dicotomia rural-urbano no extremo Noroeste paulista**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, Solange dos; GUARIM NETO, Germano. Etnoecologia de quintais: estrutura e diversidade de usos de recursos vegetais em Alta Floresta-MT. *In*:

GUARIM NETO, Germano; CARNIELLO, M.A (orgs). **Quintais Mato-Grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres: UNEMAT, 2008.

SCHUSSEL, Zulma G. L. O desenvolvimento urbano sustentável: uma utopia possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 9, p. 57-67, 2004.

SOUZA, Fátima C.; MONTEIRO, Rosa C. Estudio de la imagen del medio rural entre sus habitantes y posibles relaciones con los flujos migratorios. *In*: BERNAL, Anastasio O.; JIMÉNEZ, María de la Villa M.; ELIAS, P. (org.). **Aplicaciones en Psicología Social**. Madrid: Universidad de Valencia, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WILSON, Edward O. **Biophilia**: the human bond with other species. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

ZÁRATE, Heredia; ANTONIO, Néstor; VIEIRA, Maria do Carmo. Hortas caseiras, plantas medicinais e Universidade Federal da Grande Dourados: trabalho voluntário em diferentes estratos sociais. **Revista de la Facultad de Agronomía**, La Plata, v. 115, n. 2, p. 171-178, 2016.